TEILHARD EM PORTUGAL Hoje

Boletim da Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

IV TRIM. 2013 / I TRIM. 2014 ANO VI Nº 21

SUMÁRIO:

✓ **EDITORIAL**
« UNE MYSTIQUE DE LA TRAVERSÉE »
Edith de la Hironnière

✓ **RETRATOS DE TEILHARD**
Henry de Monfreid

✓ **LENDO TEILHARD:**
AS SOMBRAS DA FÉ

✓ **EFEMÉRIDE:**
RECORDANDO D. JOSÉ POLICARPO

✓ **TEILHARD DE CHARDIN**
«par lui-même» :
Carta ao Pe. Janssens, Geral dos Jesuítas

✓ **OBITUÁRIO**
Padre Gustave Martelet sj

✓ **TEILHARD visto do VATICANO *HOJE***

✓ **AAPTCP – Agenda**
- Assembleia-geral 25.3.2014
- 8º Retiro Anual da AAPTCP : Junho 2014, Rodízio
- Novo *site* da AAPTCP

✓ **ORANDO com Teilhard**
« Prière au Christ toujours plus grand »

✓ **LA PENSÉE de Teilhard**
«Pour l'évangélisation des temps modernes»

Ω

Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

R.Vila Catió, 397 - 6º esq.
1800-348 LISBOA

teilhard.portugal@sapo.pt

Divulgue a AAPTCP junto dos seus amigos

EDITORIAL

« UNE MYSTIQUE DE LA TRAVERSÉE »

Este foi o título dado por Édith de la Héronnière à biografia de Teilhard de Chardin que publicou, em 1999, na Pygmalion, Paris, de que, em 2003, a Albin Michel, Paris, fez uma 2ª edição. Por muitos considerada uma das melhores biografias de Teilhard, esta obra não se limita a assinalar os traços e percursos duma vida rica de experiências e episódios invulgares, antes tem, para além disso, como característica dominante, uma análise profunda do seu pensamento místico. Edith de la Heronnière socorre-se, para tal, dos sucessivos escritos produzidos por Teilhard, mas sobretudo do testemunho pessoal dado pela sua vasta correspondência, o que permite acompanhar, em cada nova fase, os momentos vividos e a sua projecção no evoluir das suas posições perante o mundo, Deus e o futuro da humanidade.

A ilustrar essa riqueza da análise do pensamento de Teilhard, que a autora nos vai proporcionando passo a passo com o desenrolar dum percurso de vida extraordinário, a seguir reproduzimos, em tradução, um excerto do capítulo sétimo (pág. 149, A. Michel) que ela intitulou "Le Tournant" (estava-se em 1932, tinha terminado o Cruzeiro Amarelo, do qual Teilhard havia recolhido importantes contributos para o seu trabalho como cientista e como pensador). É um trecho particularmente penetrante, pois aí a autora dá-nos a sua própria visão da forma inovadora como Teilhard concebe a singularidade da pessoa de Cristo:

> «Assim, o Cristo já não é somente aquele cujo perfil nos é inculcado desde a infância, aquele de que o Novo Testamento segue a trajectória passo a passo pelas ruas de Jerusalém, à beira do Jordão e sobre a cruz. Ele é também o termo divino da evolução e a grande figura universal justificando as obras humanas. O Cristo de Teilhard é aquele cujo coração é a fonte de todo o amor e o lugar de acolhimento da dor humana. O que inspira e dá um sentido, a Pessoa cujo coração é o cadinho de toda a metamorfose espiritual. Nesta perspectiva, a aventura humana transforma-se numa epopeia e o homem no actor dum imenso périplo, no seio do qual todo o esforço e toda a inércia têm um sentido e uma importância, recebidos do próprio centro para o qual ele converge. Assumindo as amarguras históricas, sem as renegar, Cristo é aureolado duma irradiação de glória e de energia.»

Mas outra das facetas ricas desta obra são os inúmeros retratos de Teilhard que a autora nos apresenta, ora na sua própria leitura das maneiras de reagir do Padre perante as contingências duma vida sempre em mudança, ora fornecidos pelos variados personagens que com ele se cruzaram nas mais variadas circunstâncias. Esses retratos contribuem para melhor ficarmos a conhecer, além do cientista e do pensador, o homem e a sua personalidade, irradiante de profundo humanismo.

É inteiramente inspirado nos relatos desta obra que, neste número do nosso Boletim, apresentamos um apontamento da faceta aventurosa de Teilhard e que intitulámos «Teilhard e o Pirata». Este «pirata» é Henry de Monfreid, personalidade extraordinária da cultura e da literatura francesas do século XX, com quem Teilhard se cruzou numa das suas muitas travessias dos oceanos e a quem ficou ligado por uma incondicional amizade para o resto da vida. Henry de Monfreid era um aventureiro ousado, dedicando-se a actividades audaciosas pelo Mar Vermelho, que sulcava incessantemente em todas as direcções a bordo do seu *dhow*, pequeno barco à vela típico da região, que ele próprio tinha construído.

É precisamente de Henri de Monfreid um dos retratos de Teilhard mais emocionantes, onde se revela o intenso clima da amizade e da cumplicidade que uniu estas duas personalidades, em sintonias imprevisíveis.

« TEILHARD E O PIRATA » [1]

Após uma estadia de ano e meio em Paris, durante a qual tinha retomado a docência no Instituto Católico de Paris, Teilhard é suspenso do ensino em finais de 1925 e mandado regressar à China devido à desconfiança da Ordem face às suas ideias no campo religioso, consideradas demasiado avançadas.

Embarca então no *Angkor*, em Marselha, em Abril de 1926. A bordo, Teilhard contacta com personagens a que começa a habituar-se: colonos, missionários, pastores e suas austeras esposas, turistas milionários. Mas, desta vez, há um casal que se evidencia pela sua originalidade e que atrai instintivamente a atenção de Teilhard: «O homem tem um perfil de águia, um ar aristocrático e um encanto extraordinário a narrar as suas aventuras no mar e em terra; quanto à mulher, a sua serena gravidade é-lhe imediatamente simpática.[2]» Embora residentes em Neuilly, passam a maior parte do ano nas costas do Mar Vermelho, ele cruzando-o no seu *dhow*, ela vivendo sozinha no meio dos somalis. Em carta de 15 de maio desse ano, Teilhard descreve-os assim ao seu amigo Edouard Le Roy: «Dois temperamentos independentes, humanos, artistas.» Edith de la Héronnière completa a sua apresentação do casal, escrevendo: «Trata-se de Henry de Monfreid e sua mulher Armgart, que se dirigem para a Etiópia onde Henry se dedica a tráficos diversos, mais ou menos clandestinos, desde armas a haxixe, possivelmente até de escravos. A amizade entre o jesuíta filósofo e o *Lobo dos mares* é imediata. Ambos falam a mesma língua, partilham a mesma paixão pela vida e, sem qualquer dúvida, um mesmo inconformismo. Dois aventureiros, dois cidadãos do mundo, que se reconheceram.»[3]

Esta amizade surpreende à primeira vista, pois Teilhard não podia ter deixado de conhecer quais as fontes da fortuna de Henry de Monfreid. «Mas a recusa, ou a incapacidade, que o habita, de encarar a pequenez é um traço de caracter que tem a ver com a sua filosofia.» Daí ele ter escrito, numa carta a Armgart: «Tenho confiança no Henry apesar do que dele se conta, mas, mais verdadeiramente ainda, amo-vos, a si e a ele. Não me passa pela cabeça interrogar-me ou procurar saber o que se possa dizer dele. Isso não me interessa para nada.» Esta amizade é levada a tal ponto que, sendo amigo de Paul Vaillant-Couturier, místico e poeta, dirigente à época do movimento comunista internacional e chefe de redação do órgão do P.C. francês, *L'Humanité*, Teilhard lhe pede uma intervenção junto do governo soviético para que Henry obtenha entrada no Turquestão chinês para também aí realizar negócios. Mais tarde, encontrando-se Marcel, filho de Henry, em situação crítica em Saigão, Teilhard visita-o e consegue restabelecer as relações entre pai e filho, até aí difíceis.

Quando o *Angkor* acosta a Djibouti e o casal Monfreid desembarca, Henry convida Teilhard a visitá-lo na Abissínia a fim de ali proceder a escavações. «Este encontro, como

[1] Texto inspirado na leitura da biografia de Teilhard de Chardin da autoria de Edith de la Héronnière, intitulada "Teilhard de Chardin, une mystique de la traversée", Albin Michel, Paris, 2003
[2] Ibid., p. 79
[3] Ibid., p. 79

veremos, trará consequências importantes no plano da paleontologia. Mas, nesta fase da vida do Padre, parece que esta nova amizade veio adoçar um pouco as dores do exilio.»[4]

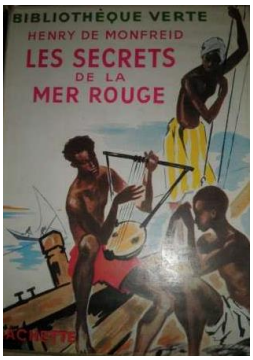
Em novembro de 1928, mais uma vez de regresso à China, após uma curta estadia em França, Teilhard decide aceitar o convite de Henry de Monfreid. Desembarca em Obock, na costa francesa da Somália, em companhia do seu colega geólogo Pierre Lamare, com quem irá explorar os solos desta região da África «cujos mistérios se encontram ainda por explorar.»[5] Ali são esperados pelo *Lobo dos mares*, que os acolhe na sua grande casa à beira-mar. «Monfreid vive ali em família, com a sua mulher, Armgart, e os filhos, Amélie e Daniel. Monfreid é uma espécie de senhor feudal na região. Amigo de indígenas, faz cabotagem no seu *boutre*, dedicando-se ao tráfico de armas, o que é sobretudo mal visto pelas autoridades locais. Anfitrião e companheiro apaixonante, o seu conhecimento da região irá revelar-se precioso para Teilhard. Monfreid conduzi-los-á às zonas das cavernas ainda por explorar e partilhará com eles a sua vida de "pirata".»[6]

Desta estadia dará Teilhard notícia em diversas cartas à sua amiga e correspondente assídua, Léontine Zanta: «Fiquei aqui um mês e mergulhei em pleno exotismo e pleno pitoresco: desertos à beira do Mar Vermelho, alto planalto Somali (2000m), selva do Harrar, vale do Errer. Em pleno inverno, é curioso viver assim, com um mínimo de roupa, entre cafeeiros, mimosas, bananeiras, papaias, papagaios, tucanos, e macacos multicores.»[7] Fascinam-no a beleza dos povos indígenas, os Tankalis, os Hissas, os Gallas: «Magníficos corpos de bronze, que fazem parte da paisagem tal como as gazelas e os pássaros de cores berrantes. Seria cativante conhecer os seus usos e costumes, mas duvido profundamente que eles venham alguma vez a fazer parte da ala avançada da humanidade…»[8]

Para Teilhard, esta estadia foi frutuosa do ponto de vista científico: nas cavernas de Diré-Daoua descobre pinturas rupestres e utensílios paleolíticos, mas, sobretudo, encontra aí um fóssil de amonita, o primeiro descoberto na Abissínia. Em consequência, incita o seu amigo e colega de profissão, Abbé Breuil, a visitar a região, que ambos irão mais tarde prospectar e do que resultará um melhor conhecimento das idades da pedra no Corno de África oriental.Mas é principalmente a rica experiência humana no convívio com Monfreid, que para Teilhard mais marcará as recordações desta estadia. A bordo do *dhow* «Al-Tair», que Henry havia construído por suas próprias mãos, cruzaram juntos as rotas do Mar Vermelho e aí cimentaram uma amizade para a vida. Numa das suas Cartas de Viagem, datada de 28 de dezembro de 1928, Teilhard escreve, divertido: «Monfreid e eu já nada tínhamos de europeus. Lançávamos a âncora, à noite, ao pé das falésias basálticas sobre as quais cresce o incenso. Os homens iam, em piroga, pescar peixes bizarros nos corais. Um dia, os Hissas venderam-nos um cabrito e leite de camela. A tripulação aproveitou para

[4] Ibid., p. 81
[5] Ibid. p. 101
[6] Ibid. p. 101
[7] Cartas a Léontine Zanta, Janeiro 1929
[8] Cartas de Viagem, 20.12.1928. Segundo E. Héronnière, trata-se duma reflexão cuja dureza ele mitiga, dias depois, em carta aos seus amigos Max e Simone Begouën, quando acentua que a marcha do pensamento e do espírito se sobrepõe a tudo o que pode ficar parado no tempo.

"consagrar" o navio. O velho negro de pele curtida, que serviu Monfreid em todas as aventuras, pintou com o sangue a cana do leme, o mastro, a proa. À noite, foi o canto do Corão, no meio duma espessa nuvem de incenso…» E Henry evoca, por seu turno, estes encontros com Teilhard, vividos em clima de exóticos mistérios, nos seguintes termos: «À noite, deitados sobre a ponte do navio, Teilhard e eu meditávamos contemplando a infinidade das estrelas. E, assim, longe das vaidades humanas e do efémero *décor* da natureza que marca as estações, neste quadro imutável em que mais nada evolui, a palavra deste homem sublime explicou-me e fez-me compreender a inelutável perenidade da alma humana. Medi a imensidade que ela contém e compreendi a sua essência divina, enquanto os nossos olhares, perdidos nas profundezas do céu, transportavam os nossos espíritos até aos confins dos espaços em que gravitam os mundos. E neste sublime êxtase, em que dois amigos podem entender-se e comungar no silêncio, compreendi por que Teilhard olhava os homens com indulgência quando se agitam em vão e tantas vezes contra toda a lógica: tinha confiança no futuro deles e amava-os como os ama Cristo, porque tinha compreendido que tinham uma alma que se incluía no Universo inteiro.»[9]



Este entendimento entre ambos foi profundo e frutuoso. Teilhard, diz-nos Edith de la Héronnière, foi dos que incitaram Henry a escrever os relatos das suas aventuras no Mar Vermelho e, efectivamente, anos mais tarde, esses escritos começaram a brotar da sua pena e não mais pararam até à morte do autor, aos 97 anos, fazendo dele um dos escritores de literatura de aventuras com obra mais vasta e mais lidos em França.

Henry de Monfreid, numa dessas suas muitas obras, recorda assim o amigo: «Rosto longo e fino, cujos traços, acentuados por rugas precoces, pareciam talhados em madeira dura. O olhar brilhante e vivo tinha qualquer coisa de ridente sem ser irónico. Falava com a vivacidade e a animação das pessoas que se apaixonam. Tinha uma palavra incisiva, que penetrava até à alma, com o poder persuasivo dos apóstolos…»[10]

Monfreid guardou para sempre os laços da amizade que os ligou e, apesar de a vida os ter afastado, quando Teilhard, dois anos apenas mais novo do que ele, morre, recorda essa profunda amizade neste impressionante testemunho:

> ***«Ainsi naquit à l'entrée de la mer Rouge, sous le ciel empourpré d'un matin tropical, une amitié que la mort même n'a pu rompre, tant son souvenir resplendit dans l'ombre de mon crépuscule.»***[11]

[9] Henry de Monfreid, *Cahiers du Rocher*, p. 260
[10] Henry de Monfreid, *Charras* (Editions du Pavois, 1947)
[11] Henry de Monfreid, *Cahiers du Rocher*, p. 258

«AS SOMBRAS DA FÉ» [12]

[…]

Após o que deixei dito sobre a minha convicção de que existe um termo pessoal divino para a Evolução universal, poder-se-ia pensar que, adiante da minha vida, o Futuro se desvela sereno e iluminado. Para mim, portanto, a morte apareceria apenas como um desses sonos após os quais não duvidamos de ver erguer-se uma gloriosa manhã.

Mas assim não acontece.

Seguro, cada vez mais seguro, deque devo caminha na existência como se no termo do Universo me aguardasse Cristo, não sinto no entanto qualquer certeza particular da existência deste. Crer não é ver. Mais do que ninguém, julgo eu, caminho entre as sombras da fé.

As sombras da fé… Para justificar esta obscuridade tão estranhamente incompatível com o sol divino, os doutores explicam-nos que o Senhor, voluntariamente, se esconde, a fim de pôr à prova o nosso amor. É preciso estar incuravelmente perdido nos jogos do espírito, é preciso nunca ter encontrado em si e nos outros o sofrimento da dúvida, para não sentir o que esta solução tem de odioso. […]

A obscuridade da fé, em meu entender, é apenas um dos casos particulares do problema do Mal. E, para superar este escândalo *mortal*, só enxergo uma via possível: é reconhecer que se Deus nos deixa sofrer, pecar, duvidar, é porque *não pode*, agora e de repente, curar-nos e mostrar-se. E se o não pode, é apenas porque ainda somos *incapazes*, em virtude do estádio em que se acha o Universo, de mais organização de mais luz.

No decurso de uma criação que se desenvolve no Tempo, o Mal é inevitável. Também aqui a solução libertadora é-nos dada pela Evolução.

Não, Deus não se esconde, estou certo disso, para que o procuremos – assim como não nos deixa sofrer para aumentar os nossos méritos. Muito pelo contrário, debruçado sobre a Criação que se eleva até Ele, trabalha com todas as suas forças para a beatificar e iluminar. À semelhança de uma mãe, Ele espreita o seu recém-nascido. Não será necessária, justamente, toda a duração dos séculos para que o nosso olhar se abra à luz?

As nossas dúvidas, como os nossos males, são o preço e a condição inseparáveis de um acabamento universal. Aceito, nestas circunstâncias, caminhar até ao fim por uma estrada na qual cada vez acredito mais, em direcção a horizontes cada vez mais afogados na bruma.

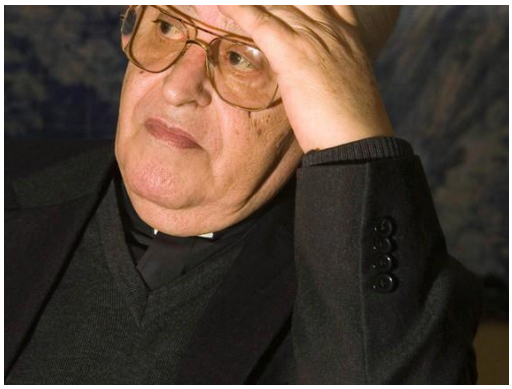
Eis como eu creio.

Teilhard de Chardin, Pequim 1934

[12] Do epílogo de "A Minha Fé" (*Comment je crois*), tomo X das Obras Completas, Pequim 1934

EFEMÉRIDE - recordando D. José Policarpo

Em finais de 2012, como secretário da Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal, tive o privilégio de ser recebido em S.Vicente de Fora pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, Sr. D. José Policarpo.



Estava em preparação o Colóquio internacional de maio 2013, no Museu do Oriente, comemorando os 90 anos da chegada de Teilhard de Chardin à China, em cuja organização a AAPTCP teve um papel preponderante. Uma das tarefas a ser cumprida nesse âmbito foi o convite a diversas personalidades da vida cultural e religiosa do nosso país para integrarem o Comité de Honra, sendo uma delas o Sr. Cardeal-Patriarca. Esse foi o motivo que justificou o pedido da audiência que então me foi concedida pelo Sr. D. José Policarpo.

Recebeu-me num enorme salão do Mosteiro, cuja decoração elegantemente sóbria condiz com a vetustez daqueles grossos muros e seus belíssimos painéis de azulejos. O Sr. D. José mostrou-se muito receptivo ao nosso pedido e, quando expus em pormenor o motivo da iniciativa, atalhou, com encantadora simplicidade: «Sabe, o meu primeiro contacto com Teilhard de Chardin foi na minha juventude, quando estudava teologia em Roma; um dia, à hora do jantar, um colega meu sentou-se ao meu lado e disse-me: José, trago aqui um livro que tu tens de ler. Era o Fenómeno Humano. Li-o efectivamente e, depois disso, procurei ler tudo o que se foi publicando de Teilhard.»

Confesso que este testemunho, não me surpreendeu, pois, creio que em 2010, alguém me tinha dito que, na homilia no dia do doente, na capela do Hospital de Santa Maria, o Cardeal-Patriarca citara Teilhard de Chardin. Relembrei-lhe esse facto, acrescentando que na altura procurei obter o texto dessa homilia, a fim de a divulgar aos membros da Associação, mas sem êxito. Respondeu-me, então, o Sr. D. José Policarpo: «pois não, é que essa homilia não foi lida e por isso o texto não existia para publicação no *site* do Patriarcado».

Saí desta entrevista com o gosto de ter obtido o seu assentimento para incorporar o Comité de Honra do Colóquio e com a certeza de ter encontrado, no Sr. D. José Policarpo, um amigo de Teilhard de Chardin, de longa data.

António Paixão, Secretário da AAPTCP
12 de março de 2014
Dia do falecimento do Sr. D. José Policarpo
Patriarca Emérito de Lisboa

Carta de Teilhard ao Padre Janssens, Geral dos Jesuítas

(Escrita da Cidade do Cabo a 12 de outubro de 1951)

Na sua obra «Teilhard de Chardin – une mystique de la traversée», que atrás citámos, Edith de la Héronnière reproduz (pág. 245-247) a carta que Teilhard decide escrever, em 1951, ao Geral da sua Ordem, introduzindo-a deste modo: *«Do Cabo, ele escreve ao P. Janssens uma longa carta, notável pela fidelidade límpida e, ao mesmo tempo, pela dissidência radical que revela, na qual faz o ponto da sua atitude espiritual, à maneira do marinheiro que, no alto mar, dá a sua posição»*.
Eis o texto dessa carta notável, em tradução.

Meu reverendíssimo Padre P.C.

No momento de deixar a África (ou seja, após dois meses de trabalho e de calma passados no terreno), tenho a impressão de que esta altura é favorável para vos dar a conhecer, em algumas palavras, o que eu penso e onde me encontro; - isto sem esquecer que vós sois "o General", mas, ao mesmo tempo (como há três anos, durante a nossa curta conversa), com aquela franqueza filial que é um dos mais preciosos tesouros da Companhia.

1º Antes de mais, penso que tereis de vos resignar a aceitar-me tal como sou - ou seja, com a qualidade (ou a fraqueza) congénita que faz com que, desde a minha infância, a minha vida espiritual nunca deixasse de ser dominada totalmente por uma espécie de "sentimento" profundo da realidade orgânica do Mundo; sentimento inicialmente bastante vago no meu espírito e no meu coração - mas sentimento que adquiriu gradualmente, ao longo dos anos, um sentido preciso e avassalador duma convergência geral do Universo sobre si mesmo, convergência essa coincidindo e culminando, no cume, com Aquele "in quo omnia constant", que a Companhia me ensinou a amar.

Na consciência deste movimento e desta síntese de tudo in Xristo Jesu, encontrei uma extraordinária e inesgotável fonte de clareza e de força interior, bem como uma atmosfera fora da qual se me tornou fisicamente impossível de respirar, de adorar, de crer. E tudo aquilo que, na minha atitude desde há 30 anos, pode ter sido tomado como teimosia ou impertinência, é simplesmente o efeito da minha incapacidade em evitar que o meu espanto irradie para o exterior.

2º Posto isto, e para vos sossegar quanto à minha posição interior, preciso de insistir no facto (generalizável ou não a outros indivíduos como eu) de que a atitude interior que acabo de descrever, tem como consequência directa que eu me sinta ligado sempre cada vez mais inelutavelmente às três convicções que formam o cerne do

Cristianismo: valor único do Homem como flecha da Vida; posição axial do catolicismo no feixe convergente das actividades humanas; e, enfim, função consumadora essencial assumida por Cristo ressuscitado no centro e cume da Criação. Estes três elementos criaram (e continuam a criar) raízes tão profundas e entrelaçadas em todo o sistema da minha visão intelectual e religiosa que me seria de todo impossível arrancá-las sem destruir tudo.

Em verdade (e em virtude mesmo de toda a estrutura do meu pensamento), sinto-me hoje mais irremediavelmente ligado à Igreja hierárquica e ao Cristo do Evangelho do que jamais em algum momento da minha vida. Nunca Cristo me pareceu mais real, nem mais pessoal, nem mais imenso.

Como crer que a direcção em que me empenhei seja errada? …

3º Mas, reconheço-o plenamente, Roma pode ter as suas razões para entender que, na sua forma actual, a minha visão do Cristianismo seja prematura ou incompleta e que, por conseguinte, não deva ser difundida presentemente sem inconvenientes.

É sobre este ponto importante de fidelidade e docilidade exteriores que faço questão (efectivamente é este o objectivo essencial desta carta) em vos afirmar que, apesar das aparências, estou decidido a permanecer "um filho obediente".

Evidentemente não posso (sob risco de uma catástrofe interior) deixar de continuar a minha procura pessoal.

Muito respeitosamente, vosso
in Xto filius

P. Teilhard de Chardin

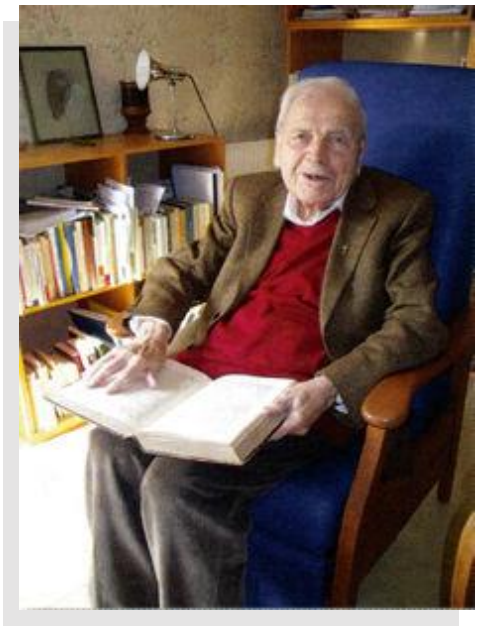
Mas, ainda segundo Edith de la Héronnière, «Roma continuou a impor silêncio ao seu pensamento. E, logo que se deram algumas "fugas", como foi o caso de um artigo saído num jornal francês de S. Francisco, em 1952, acusando-o de deitar borda fora a transcendência divina, que ele passou a vida a defender, encontra-se impedido de responder, obrigado a manter-se um espectador mudo, com o que só continuaram a agravar-se as falsas interpretações e as distorções do seu pensamento». Em consequência do que, em carta de 24 de outubro desse mesmo ano, Teilhard escreve à sua colaboradora Jeanne Mortier: *«Mais uma prova dos inconvenientes da tática romana destes últimos tempos em impedir que aqueles que procuram possam defender-se ou possam explicar-se… Sob esta tampa, tudo fermenta e tudo se corrompe. Não era assim no tempo de S. Tomás!»*.

É ainda Edith de la Héronnière quem, no epílogo do livro, nos recorda as controvérsias surgidas logo que a obra de Teilhard se tornou conhecida após a sua morte, mas, ao mesmo tempo, influenciando movimentos de renovação dentro do cristianismo e inspirando mesmo figuras de relevo, como Saint-Exupéry, Léopold Sédar Senghor, Thédore Monod, ou cantores como Paul Misraki e Dalida. «Muitos são os que lhe consagraram uma obra – ensaios, biografias, e os estudos não param de florescer. Logo que as polémicas se apaziguam, fica o fermento: a aventura humana dum místico ocidental, o caminho aberto duma espiritualidade que evitaria o escolho duma dissolução do eu, bem como o escolho duma negação da vida. Teilhard testemunha, pelo seu exemplo, a transformação que se pode realizar no decurso duma existência, desde que uma intuição fundamental determine a pessoa a atravessar cada fase do seu destino, aceitando tudo o que acontece como sendo adorável».

Padre Gustave Martelet s.j.

No passado dia 14 de janeiro, através dos meios ligados à Companhia de Jesus, à Igreja em geral e, particularmente, aos centros de estudo do pensamento de Teilhard de Chardin, espalhados por todo o mundo, ecoou a notícia de que o Padre Gustave Martelet, aos 98 anos, acabara de falecer. Apesar da idade avançada e dum estado de saúde precário, para quem teve a felicidade de o conhecer pessoalmente e de com ele privar, o vigor do seu espírito lúcido e jovem afastava a ideia de um fim próximo.

Gustave Martelet era jesuíta e um teólogo de renome. Foi nessa qualidade que participou nos trabalhos do Concílio Vaticano II. Por ocasião do cinquentenário deste Concílio, reflectindo sobre a vida da Igreja, declararia: «*Le troisième millénaire ne nous oblige-t-il pas à reconnaître qu'un certain type d'Église est fini, l'Église-donjon qui croit que son seul devoir est de couper les ponts-levis avec la société pour préserver la foi? Vatican II nous a ouvert un horizon tout autre. Celui d'une Église servante désintéressée de l'humanité.*» Ora não é, precisamente, a tendência que vemos estar a afirmar-se no seio da Igreja pela mão do Papa Francisco ?



Foi professor de teologia em Lyon, Paris e Roma, e deixa uma vasta obra de pensamento teológico de que destacamos: *Résurrection, eucharistie et genèse de l'homme*, Desclée, 1972, *Évolution et création, t.I, Sens ou non-sens de l'homme dans la nature ?*, Cerf, Paris, 1998, *Les Idées maîtresses de Vatican II. Initiation à l'esprit du Concile*, Cerf, 1985, *Libre réponse à un scandale. La faute originelle, la souffrance et la mort*, Cerf, 1997.

Estudioso e, desde novo, defensor do pensamento de Teilhard de Chardin, teve numerosas e valiosíssimas intervenções em eventos organizados pela *Association Teilhard de Chardin*, em França e noutros países da Europa, não se cansando nunca de alertar para a necessidade de interiorizar que *«la vérité n'est pas la fixité»* e que a via correcta *«dans un monde en expansion, c'est l'adhésion toujours renouvelée à un Christ toujours plus grand»*.

Em 2005, quando era professor de teologia do Centre Sèvres (faculdade de teologia dos jesuítas em Paris), ali fundou um curso sobre Teilhard de Chardin, de que foi o primeiro titular. Como incansável investigador e divulgador do pensamento de Teilhard, sobre ele publicou, para além de numerosos artigos em diversos jornais revistas, três obras fundamentais: *Pierre Teilhard de Chardin, la messe sur le monde*, DDB, Religion, Paris,1996, *Teilhard de Chardin, prophète d'un Christ toujours plus grand*, Lessius, Bruxelles, Cerf, Paris, 2005, e *Et si Teilhard disait vrai*, Parole et Silence, 2006.

A segunda destas obras foi prefaciada pelo Provincial dos jesuítas de França, Padre François-Xavier Dumortier. A finalizar estes apontamentos de efeméride, sublinhamos um significativo passo desse texto (tradução):

> *O livro do Padre Martelet vem na hora exacta para mostrar e demonstrar quanto a figura e o mistério do Cristo estão no âmago da obra do Padre Teilhard de Chardin e lhe conferem uma posição frequentemente negligenciada e por vezes ocultada, mas uma posição fundamental e essencial. Isto porque, desvendar o mistério do universo, levou Teilhard a descobrir, através das suas investigações, a imensidão do Cristo em quem tudo toma uma dimensão nova e verdadeira consistência.* [...] *Na situação espiritual do nosso tempo, este livro do Padre Martelet não vem apenas fazer abrir os olhos e fazer ver a fonte de luz que está no centro da obra do Padre Teilhard de Chardin. Mostra, seguindo o caminho do pensamento de Teilhard, como é importante que o homem, ao volver-se para um «Cristo sempre maior», desperte para a sua verdadeira dimensão.*

O artigo que a seguir reproduzimos (em tradução) foi-nos enviado pelo serviço ***Teilhard-Monde*** e é da autoria do Padre Maurizio Gronchi, consultor da Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício). Como é público e notório, o ex-Santo Ofício não chegou a condenar o pensamento de Teilhard, mas andou lá perto, sobretudo se nos lembrarmos do *Monitum* de 1962, em que alertava para os «perigos» da leitura dos seus escritos. Porém, o autor do artigo, revelando uma abertura da Congregação para a Doutrina da Fé, que surpreende, mas que certamente traduz já a linha do *aggiornamento* com que o Papa Francisco vem procurando renovar a Igreja, aborda o pensamento de Teilhard de Chardin duma maneira que representa, sem dúvida, um avanço notável na sua recepção. E não deixa igualmente de ser significativo que seja o próprio Osservatore Romano a publicá-lo, o mesmo jornal que, em 1962, comentava o *Monitum* em tom aprovativo. Como diz o secretariado de Teilhard-Monde, na mensagem que capeava o artigo: «Réjouissons-nous et gardons confiance !»

Na senda do pensamento de Pierre Teilhard de Chardin

« J'étudie la matière et je trouve l'esprit. »

Padre Maurizio Gronchi
L'Osservatore Romano - Vaticano
Domingo, 29 de dezembro de 2013

Nos dias de hoje, os estudos teológicos tomam cada vez mais em conta a componente dinâmica e evolutiva do universo e do homem. O jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) é actualmente reconhecido como um precursor. É evidente que a ciência e a fé devem a este sábio extraordinário uma contribuição decisiva para a possibilidade de diálogo, ficando cada qual no seu domínio próprio, em tudo diferente de um concordismo ingénuo de leituras recorrentes e hostis.

É preciso regressar ao controverso e doloroso Monitum publicado pelo Santo Ofício, a 30 de junho de 1962: «Certas obras, mesmo póstumas, do Padre Teilhard de Chardin, conhecem uma difusão e um sucesso não despiciendo. Sem considerar o que respeita às ciências positivas, é suficientemente manifesto que, em matéria filosófica e teológica, as ditas obras estão repassadas de ambiguidades ou até de erros graves, que ameaçam a doutrina católica».

Em "L'Osservatore Romano" do mesmo dia, foi publicado um comentário não-assinado com o título «Pierre Teilhard de Chardin e as suas reflexões no plano filosófico e religioso». Neste artigo eram explicadas as razões da condenação e da advertência perentória: as suas obras filosóficas e teológicas, diferentemente das de natureza científica, cujo mérito não era posto em causa, continham erros graves e ambiguidades perigosas. Apesar da gravidade das opiniões expressas sobre o método e o pensamento do Jesuíta, o artigo entendia preservar a memória da pessoa: «Queremos admitir que Teilhard, como pessoa individual, teve uma vida espiritual intensa. É evidente que não queremos condenar a pessoa, mas o método, o pensamento.» De facto, apesar do Monitum, os méritos incontestáveis da sua contribuição foram reconhecidos e, sobre o seu pensamento, foram empreendidos e continuam hoje a sê-lo, estudos sérios e serenos com bons resultados e novos desafios.

Actualmente, mais de meio século após o Monitum, que se dirigia em particular aos responsáveis pela formação intelectual de seminaristas, podemos dizer que, quaisquer que tenham sido as suas boas intenções e intuições significativas e válidas, o pensamento de Pierre

Teilhard de Chardin não estava isento de algumas lacunas e dificuldades, mais do que «de ambiguidades e de erros graves.»

O primeiro a apreciar pública e corajosamente a figura de Teilhard foi **Paulo VI** que, a 24 de fevereiro de 1966, ao visitar a uma fábrica de produtos farmacêuticos em Roma, declarava: «Um célebre cientista disse: quanto mais estudo a matéria, mais encontro o espírito.» E o Santo Padre citava Teilhard de Chardin «que deu uma explicação do universo e que, por entre imensas fantasias e coisas inexactas, soube perceber no interior das coisas um princípio inteligente que tem de ser designado Deus.» Desta apreciação deu conta «L'Osservatore Romano» de 26 de fevereiro.

Algum tempo mais tarde, o teólogo **Joseph Ratzinger**, na secção cristológica da sua Introdução ao Cristianismo (1968), a propósito da relação entre Jesus e toda a humanidade, considerava de maneira positiva o Jesuíta: «Um dos grandes méritos de Teilhard reside no facto de ter pensado essas relações no contexto do mundo moderno, ao encará-las duma maneira nova e, apesar duma linguagem de certo modo biologística, soube compreendê-las de forma exacta e torná-las, em todo o caso, acessíveis de novo».

O valor da contribuição de Teilhard encontra-se, segundo Ratzinger, no facto de compreender o universo orientado na direcção dum ponto transcendente e pessoal, onde o homem é «uma figura fazendo parte de um "super-ego", que não o apaga, mas antes o abraça; ora, é somente neste estado de unificação que pode aparecer a forma do homem futuro, estado em que se poderá dizer que o ser humano terá verdadeiramente alcançado a sua finalidade. Cremos poder admitir com toda a certeza que, partindo da actual visão do mundo, mesmo se efectivamente num vocabulário de gosto por vezes demasiado biologístico, a cristologia paulina é aqui essencialmente apreendida e revisitada de forma compreensível e ajustada.»

Para Ratzinger, a intuição teilhardiana é verdadeira por ser capaz de discernir no Cristo-Ómega o ponto de vista unificador da escatologia da humanidade. Por este avanço efectivo, que é a nova compreensão do Cristo na actual concepção do mundo, pode perdoar-se a inclinação por um vocabulário de biologista visto que, do ponto de vista do conteúdo, aí encontramos uma coerência substancial com a cristologia de Paulo.

Contudo, a esta avaliação positiva seguiu-se, anos mais tarde, quando Ratzinger era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, um distanciamento em relação a um dos corolários importantes da visão de Teilhard: a natureza do pecado original. Assim, numa entrevista a Vittorio Messori (1985), o cardeal declarará: «Na hipótese da evolução do mundo (à qual corresponde em teologia um certo "teilhardismo"), não há evidentemente lugar a qualquer "pecado original". Quando muito, trata-se duma expressão simbólica, mítica, indicativa simplesmente das deficiências naturais duma criatura como o homem que, a partir duma origem muito imperfeita, caminha em direcção à perfeição e à sua plena realização. No entanto, aceitar este ponto de vista significa inverter a estrutura do cristianismo: Cristo é deslocado do passado para o futuro e a redenção significa simplesmente marchar em direcção ao futuro, como uma evolução necessária para o melhor. […] Mas as dificuldades de origem mais ou menos "científica" ainda não são a raiz da crise actual do "pecado original". […] Devemos estar conscientes de que somos confrontados com uma pré-concepção e uma pré-decisão de caracter filosófico.» Com esta tomada de distanciamento em relação a certos teilhardismos, e não directamente a Teilhard, Ratzinger entendia referir-se às dificuldades científicas e filosóficas surgidas em particular a propósito do pecado original.

Tanto assim que, a 24 de julho de 2009, numa homilia em Aosta, Bento XVI voltou a Teilhard, desta vez numa iluminação positiva: «A função do sacerdócio é a de consagrar o mundo para que ele se torne hóstia viva, para que o mundo se torne liturgia: que a liturgia não passe ao lado da realidade do mundo, mas que o mundo ele mesmo se torne hóstia viva, se torne liturgia. Esta é a grande visão que foi mais tarde também a de Teilhard de Chardin: no fim, teremos uma verdadeira liturgia cósmica em que o cosmos se torna hóstia viva.»

Como confirmação duma reabilitação progressiva e bem explícita do Jesuíta, recordemos ainda a carta de 1981, do cardeal Casaroli, Secretário de Estado, em nome de **João-Paulo II**, enviada a Paul Poupard, Reitor do Instituto Católico de Paris, por ocasião do

centenário do nascimento de Teilhard, na qual se apreciava o esforço de procura de conciliação entre fé e razão, sem, contudo, excluir «o estudo crítico e sereno, tanto no plano científico como filosófico e teológico, duma obra fora do comum.»

Como prova da recepeção positiva do pensamento teilhardiano, assinalemos pelo menos três pontos importantes do ensino do magistério onde o caracter dinâmico e evolutivo do plano divino da salvação faz parte das suas concepções de base. Com efeito, o Concílio Vaticano II, na Constituição Gaudium et Spes (nº 5), declara: «Em suma, o género humano passa duma noção basicamente estática da ordem das coisas a uma concepção mais dinâmica e evolutiva: daí nasce uma enorme problemática nova que obriga a novas análises e a novas sínteses.» E, no Catecismo da Igreja Católica (n. 310), lemos: «Deus quis livremente criar um mundo "em estado de caminhada" em direcção à sua perfeição última. Este devir comporta, nos desígnios de Deus, a par da aparição de certos seres, a desaparição de outros, a par do mais perfeito, também o menos perfeito, a par das construções da natureza, também as destruições. Com o bem físico existe, portanto, também *o mal físico,* ao longo de todo o tempo, até a criação atingir a sua perfeição.» Perante uma tal afirmação, acabamos por reconhecer que a preciosa intuição de Teilhard é compatível com a fé cristã, ao ponto de encorajar uma resposta à pergunta do papa João-Paulo II contida na carta ao jesuíta George V. Coyne, director do Observatório do Vaticano (1 de junho 1988): «Será que uma perspectiva evolucionista pode contribuir para fazer luz sobre a teologia antropológica, sobre o sentido da pessoa humana como "imagem de Deus", sobre o problema da cristologia e também sobre o desenvolvimento da própria doutrina?» Numa palavra, um século e meio após a publicação do livro de Charles Darwin "A Origem das Espécies", acerca da evolução (1859), podemos dizer que o evolucionismo científico não foi considerado impossível de compreender pela teologia, como foi o caso numa época marcada por uma desconfiança mútua entre ciência e fé.

A este respeito, na senda de Teilhard de Chardin, encontram-se outras contribuições importantes, entre as quais emerge a de Karl Rahner, mais antropológica e cristológica. Longe de ser incompatível, a Incarnação encontra totalmente o seu lugar na concepção evolucionista do mundo. Deste modo, dois riscos são afastados: por um lado, transformar a Revelação em filosofia, por outro, erigir uma fronteira entre a doutrina cristológica e a cultura contemporânea. Pelo contrário, trata-se de «sublinhar a estreita afinidade que liga as duas realidades, tal como o revelam certas similitudes estilísticas, realidades finalmente susceptíveis de uma coordenação mútua.»

Graças a Teilhard, passam a aparecer algumas raízes neotestamentárias da criação em Cristo e a orientação cósmica em direcção à sua perfeição escatológica, exactamente como a perspectiva da "semente do Verbo", vinda de autoridades antigas, tais como as de Justino e Clemente de Alexandria. Neste contexto, o trabalho do Pai não é somente a criação, mas a construção progressiva do universo, que caminha para um fim (cf. Hebreus, 3, 4); nesta concepção, há um centro, Cristo, cuja perfeição pessoal é realizada por um processo marcado pelo sofrimento (cf. Hebreus 5:8-9). Hoje, coloca-se de forma cada vez mais aguda a necessidade de reconhecer os "frutos do Verbo", amadurecidos nas culturas e entre os povos que contêm os traços de uma história da salvação que as envolve, através de muito sofrimento e pobreza. Se a visão de Teilhard pôde abrir o horizonte cósmico do Cristo como o "*versus unum*" (em que se pode igualmente reconhecer o termo "universo"), por outro lado, a história e o universo continuam a manter as contradições irredutíveis em matéria de harmonia, de comunhão e de paz. Por conseguinte, onde reconhecer os frutos amadurecidos do Verbo incarnado, crucificado e ressuscitado, senão na cruz do homem e do mundo, onde, como lemos na Gaudium et Spes (nº 22), continua e se perpetua o mistério pascal?

L'Osservatore Romano, 29 dezembro 2013.

ASSEMBLEIA-GERAL:

No dia 25 de março de 2014, realiza-se, sob a presidência do Exmo. Senhor Professor Doutor Adriano Moreira, a Assembleia-geral da Associação, a fim de apreciar e aprovar as contas e o relatório do exercício de 2013, bem como o plano e orçamento para o exercício de 2014. Este acto terá lugar na sala nº 19 do Centro Paroquial de S. João de Deus, à Praça de Londes, com entrada pela rua Brás Pacheco, nº 4. Aos associados foi enviada a respectiva convocatória por e-mail e pelo correio para os que não possuem este meio de contacto.

8º RETIRO ANUAL DA AAPTCP:

Nos dias 20, 21 e 22 de junho próximo, realiza-se de novo o retiro anual da nossa Associação, mais uma vez dirigido pelo Rev. Padre Vasco Pinto de Magalhães sj, na linha da espiritualidade de Teilhard de Chardin. O retiro terá lugar, como habitualmente, na Casa de Exercícios de Santo Inácio, à Praia Grande, Colares, estando todas as condições indicadas no anúncio da pág. 14 deste Boletim. Para além de leituras apropriadas e das reflexões propostas pelo orientador, realizar-se-á, mais uma vez, o ponto alto destes encontros com a celebração da «Missa sobre o Mundo» (textos de Teilhard de Chardin), que será, como sempre, mais propriamente uma Eucaristia sobre o Mar. Os nossos associados são bem-vindos e, recordamos, beneficiarão de prioridade de inscrição à frente dos inscritos não-sócios.

SITE DA AAPTCP:

Como é do conhecimento dos nossos associados, o *site* da Associação encontrava-se, até há pouco tempo, «hospedado» no da nossa congénere francesa que, gentilmente, não só ali nos acolhia, como fazia a respectiva gestão, introduzindo as actualizações que lhes íamos pedindo. Tratava-se duma solução sempre considerada por ambas as partes como provisória, até a AAPTCP se autonomizar construindo o seu próprio *site*. Temos que reconhecer que esta situação precária nunca permitiu desenvolver os conteúdos, que idealmente deveriam integrar o *site* duma forma dinâmica e apelativa.

Recentemente, numa operação de reconstrução do seu próprio *site*, que tinha sido vítima de um ataque de *hackers,* a associação francesa viu-se perante a impossibilidade de recuperar o nosso *site*, que igualmente tinha sido apagado. Esta circunstância foi o empurrão que nos levou a finalmente deitarmos mãos à obra e, tendo sido possível encontrar um técnico habilitado que, em condições moderadas de custo, nos está a dar apoio, estamos a trabalhar na construção do novo *site* autónomo da nossa Associação. Assim, para além dos conteúdos próprios, que iremos manter em permanente renovação e actualização, os nossos associados, e quem mais visite o nosso *site*, vão poder ter acesso a um acervo muito variado e rico de temas e documentos ao visitarem, por intermédio dos *links* apropriados, não só o *site* da associação francesa mas também os de muitas outras por esse mundo fora. Em breve comunicaremos a abertura deste nosso novo *site*, dando algumas dicas para uma navegação interessante e proveitosa através dele.

8º RETIRO ANUAL

Associação dos Amigos de Pierre Teilhard de Chardin em Portugal

20 (fim do dia), **21** (todo o dia), **22** (domingo, saída à tarde) **de Junho de 2014**

Casa de Exercícios de Santo Inácio

(Praia Grande, Colares)

orientado pelo

Padre Vasco Pinto de Magalhães s.j.

(na óptica da espiritualidade de **Teilhard de Chardin**)

PREÇO DA INSCRIÇÃO (por pessoa): **€20.00** (não sócios), **€15.00** (sócios)
Custo de estadia completa (2 dias), a pagar directamente à Casa de Retiros:
€144 por casal, **€76** por pessoa isolada, **€68** por pessoa isolada reformada
Preço de refeições tomadas isoladamente: € 13 (não residentes)

Inscrições a partir de 1 de Janeiro até 16 de Maio de 2014 (data limite)
(por ordem de data de chegada, com prioridade a sócios, até ao limite máximo de 50 pessoas)
Confirmação após recepção de cheque, **com valor da inscrição**, à ordem de AAPTCP

NOTA
A indicação de disponibilidade dos interessados não casais para a PARTILHA de quartos, permitirá eventualmente acolher um número superior de participantes

(destacar pelo picotado e enviar pelos CTT ou reenviar por e-mail: teilhard.portugal@sapo.pt *)*

FICHA DE INSCRIÇÃO PARA O 8º RETIRO DA AAPTCP, 20, 21 e 22 de JUNHO DE 2014

Nome(s): _____
(indicar entre parêntesis se é casal)

Associado da AAPTCP: nº _____ **Não-associado da AAPTCP:** _____ (assinalar com **X**)

Contacto: telefone _____ telemóvel _____
e-mail _____

Ocupação de quarto (assinalar com **X**):

casal _____ **individual** _____ **não residente** (só refeições) _____
Se individual, indicar disponibilidade para partilhar o quarto: sim ____ não ____

Data: _____ **Assinatura:** _____

Enviar, acompanhado do pagamento da taxa de inscrição
(€15 associados, €20 não associados), para:

AAPTCP, R. Vila Catió, 397, 6º esqº, 1800-348 LISBOA (tlm: .912 341 356)ou teilhard.portugal@sapo.pt

« Prière au Christ toujours plus grand »

SENHOR, porque, com todo o instinto e através de todas as ocasiões, na minha vida, jamais deixei de Vos procurar e de Vos colocar no coração da Matéria universal, será no deslumbramento de uma universal Transparência e de um universal Abrasamento que terei a alegria de fechar os olhos...
Como se a aproximação e estabelecimento de contacto dos dois pólos tangível e intangível, externo e interno, do Mundo que nos transporta tivesse incendiado tudo e tudo desencadeado...
Sob a forma de um menino nos braços da sua mãe – segundo a grande Lei do Nascimento –, entrastes na minha alma de criança, Jesus. E eis que, repetindo e prolongando em mim o círculo do Vosso crescimento através da Igreja, a vossa humildade palestina se expandiu pouco a pouco por toda a parte, como uma aura imensa em que a Vossa Presença, sem nada destruir, penetrava, sobreanimando-a, qualquer outra presença em meu redor...
Tudo isto porque, num Universo que se me descobria em estado de convergência, tínheis tomado, pelos direitos da Ressurreição, a posição mestra do Centro total onde tudo se reúne!
A Humanidade, emergindo para a consciência do movimento que a arrasta, tem cada vez mais necessidade dum Sentido e duma Solução a que lhe seja finalmente possível dedicar-se plenamente.
Pois bem, esse Deus, já não somente o do velho Cosmos, mas o da nova Cosmogénese (na exacta medida em que o efeito dum trabalho místico duas vezes milenar é o de fazer aparecer em Vós, com a Criança de Belém e o Crucificado, o Princípio motor e o Núcleo colector do próprio Mundo), - esse Deus tão esperado pela nossa geração, não sois vós, justissimamente, que o representais e que no-lo trazeis – Jesus ?
Senhor da Consistência e da União, Vós cuja marca de reconhecimento e a essência são de poder crescer indefinidamente, sem deformação nem rotura, à medida da misteriosa Matéria cujo Cerne ocupais e cujos movimentos totalmente controlais, - Senhor da minha infância e Senhor do meu fim, - Deus completo em si e, contudo, para nós, jamais acabado de nascer, - Deus que, para vos apresentardes à nossa adoração como «evolutor» e «evolutivo», sois o único capaz de nos satisfazer, - afastai, enfim, todas as névoas que ainda vos escondem, - tanto as dos preconceitos hostis como as das falsas crenças.
E que, por Diafania e Incêndio, se revele a vossa Presença universal. **Ó Cristo sempre maior !**

Teilhard de Chardin, « Le Cœur de la Matière »

LA PENSÉE de Teilhard

Pour agir efficacement sur un courant de vie, quel qu'il soit, il faut appartenir soi-même à ce courant-là. Seul, un ouvrier peut être entendu des ouvriers. Seul un géologue ou un soldat peut parler à des géologues ou à des soldats… Seul un Homme peut se faire écouter par les Hommes.

Chrétiens, prêtres, songeons-nous que, pour influencer, surnaturaliser le mouvement de la Terre, il faut absolument que nous participions à son élan, a ses inquiétudes, à ses espérances ?

Tant que nous paraîtrons vouloir imposer, du dehors, aux modernes une Divinité toute faite, fussions-nous noyés dans la foule, nous prêcherons irrémédiablement dans le désert.

Il n'y qu'un seul moyen de faire régner Dieu sur les hommes de notre temps : c'est de passer par leur idéal ; c'est de chercher, avec eux, le Dieu que nous possédons déjà mais qui est encore parmi nous comme si nous ne le connaissions pas.

Quel est le Dieu que cherchent nos contemporains, et comment pouvons-nous arriver à le trouver, avec eux, en Jésus, voilà ce que je veux dire, parce que je l'ai senti.

«Notes pour l'évangélisation des temps modernes», *1919, Tome XII*
Pierre Teilhard de Chardin

Faça dos seus amigos, amigos de Teilhard de Chardin.
Divulgue a AAPTCP